

Documentação
 14/12/97 Ps A-17
 Class. 1298



Katia Tamanaha/AE

Debate sobre universidade

Marcovitch, da USP, discute com reitores o papel da universidade. Pág. 22

O ESTADO DE S.PAULO

Geral

INCLUI **Internacional**

DOMINGO, 14 DE DEZEMBRO DE 1997

Conferência Histórica

Cúpula islâmica em Teerã traz mudanças geopolíticas na região. Pág. 32



A17

Reuters

Defesa civil teme por índios de Angra

Relatório aponta problemas para a retirada da maior tribo guarani-mbia do Brasil, que vive próxima de usina nuclear, em caso de acidente em Angra 1

RONALDO SOARES

RIO – A maior tribo indígena guarani-mbia do Brasil pode ser esquecida em caso de acidente em uma construção erguida pelo homem branco a apenas 8 quilômetros da aldeia: a Usina Nuclear de Angra dos Reis, no sul fluminense. Embora não tenham a menor idéia sobre o que é o reator nuclear de Angra 1, nem as conseqüências de um vazamento de radiação, os 401 mbias da aldeia Sapucaí confiam apenas em seu deus, Nhanderu, para protegê-los se ocorrer algum problema no “engenho do homem branco”.

A preocupação dos mbias está expressa em um relatório preparado pelo Corpo de Bombeiros a partir de visita à aldeia realizada em outubro por integrantes da corporação e representantes da Defesa Civil, Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), prefeitura de Angra e um engenheiro especialista em desastres naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Um dos trechos do documento sintetiza a desilusão dos índios: “Acredita-se na aldeia que, em qualquer emergência que envolva os brancos,

os índios seriam esquecidos.”

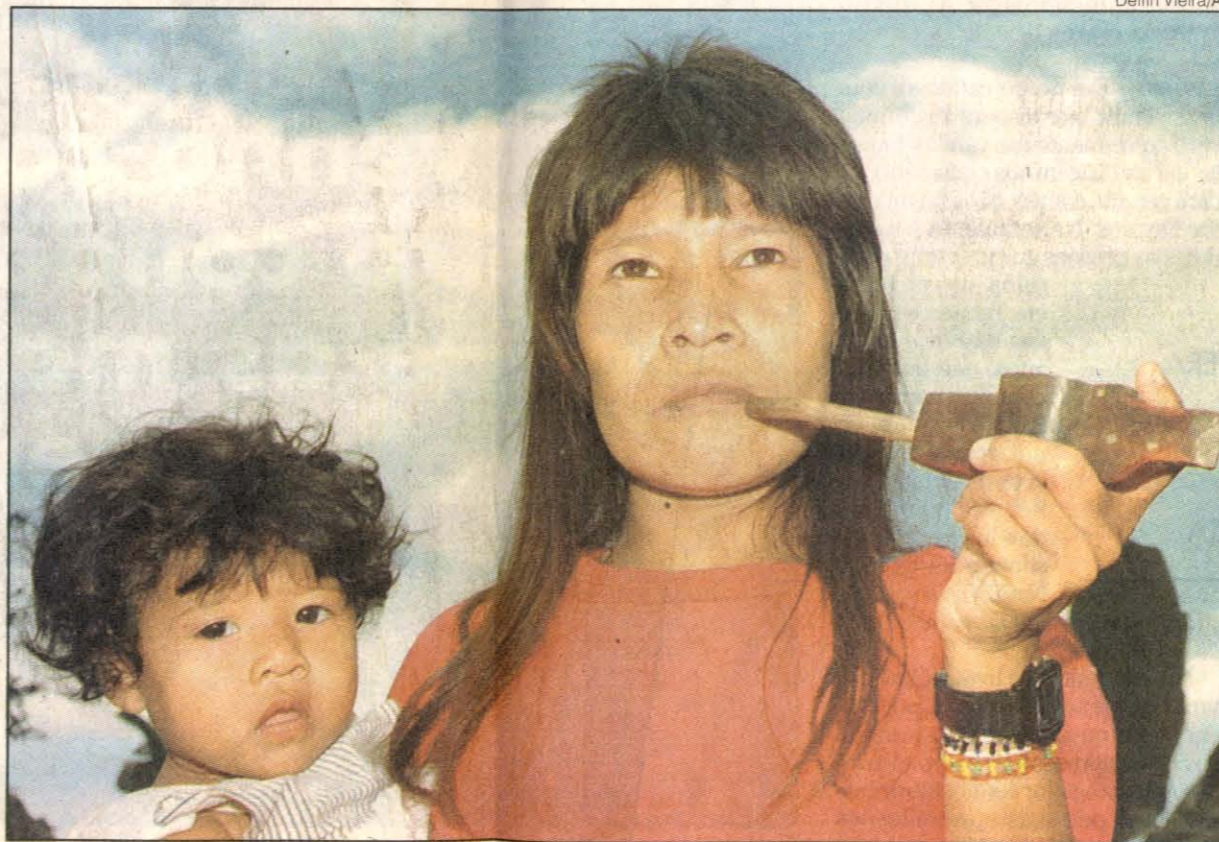
A preocupação dos mbias decorre principalmente do fato de que quase todos na aldeia só falam a língua original indígena, o tupi-guarani – apenas os líderes entendem português –, e das dificuldades de acesso ao local. A aldeia fica numa área de pouco mais de 2,1 mil hectares na Serra da Bocaina, na localidade de Bracuhy, a cerca de 30 quilômetros do centro de Angra dos Reis. O local é de difícil acesso e, em dias de chuva, a aldeia fica ilhada.

A aldeia ficou de fora das três simulações realizadas até hoje para preparar a população para o caso de um acidente nuclear. O plano prevê a notificação de toda a população num raio de até 15 quilômetros a partir

da usina, mas os índios não receberam nenhum comunicado das autoridades durante as simulações.

Segundo comandante do Corpo de Bombeiros de Angra, tenente-coronel Carlos Ortiz, embora a aldeia não esteja na área considerada crítica – raio de cinco quilômetros a partir da usina, cuja população teria de ser removida em caso de acidente –, os índios terão prioridade nas atividades de aperfeiçoamento do Plano de Emergência em 1998.

ÍNDIOS ACHAM QUE SERÃO ESQUECIDOS PELOS BRANCOS



Delfin Vieira/AE

Guarani-mbia com a filha, na aldeia Sapucaí: área foi demarcada pelo Ministério da Justiça em 94

Para Cimi, existem 30 mil guaranis no País

RIO – Os mbyas constituem um dos três subgrupos guaranis existentes no Brasil e habitam o litoral sul do País, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Os outros dois grupos são os nhandevas, que ocupam parte do litoral paulista, e os caiovas, encontrados em Mato Grosso do Sul. De acordo com levantamento do Conselho Indigenista Missionário

(Cimi), existem cerca de 30 mil índios guaranis no Brasil.

Segundo o coordenador do Cimi na região sul, Darci Ciccometi, a aldeia Sapucaí é a mais numerosa do País entre guaranis-mbias – as demais têm, no máximo, 250 integrantes. A Sapucaí – que em tupi-guarani quer dizer “socorro” – teve sua área demarcada pelo Ministério da Justi-

ça em março de 1994.

Os mbias cultivam na aldeia Sapucaí mandioca, batata, cana-de-açúcar e banana. Além disso, os índios criam peixes num lago artificial que construíram. No entanto, a produção de alimentos no local é precária, por causa da fertilidade do solo. Os índios complementam o sustento com a venda de artesanato.

Mbias não crêem em socorro eficaz

RIO – Os mbias de Sapucaí não têm esperança de receber atendimento eficaz em caso de acidente nuclear. “Nem estrada tem para que possa vir socorro rápido”, afirma o vice-cacique Luís Eusébio, de 52 anos, um dos poucos que falam português. Ele admite não ter idéia sobre o perigo que a usina pode representar.

Místicos, os mbias acreditam que só sofreriam as conseqüências de um desastre nuclear se o deus que cultuam permitisse. Para Eusébio, a prioridade na aldeia não está relacionada à usina, mas a melhorias na qualidade de vida. “Gostaríamos que chegasse energia para ter luz na escola, e também um meio de comunicação, que poderia ser o orelhão.” A única forma de contato com a civilização é o rádio PX do posto de saúde da Fundação Nacional do Índio (Funai).

No posto, os índios têm atendimento pediátrico, dentário e ambulatorial. A auxiliar de enfermagem Leonilde Vieira da Silva, de 32 anos, é a única que frequenta diariamente o local.